

| 18 | SAUDADES DA CIDADE

Robert Moses Pechman

Segundo Baudelaire, mais muda uma cidade que o coração de um homem. O poeta ecoava o que Marx vaticinara sobre a sociedade capitalista: “tudo que é sólido desmancha no ar”. As cidades antigas, submetidas às reformas, literalmente desmanchavam no ar, com a derrubada das velhas muralhas medievais aonde se rasgariam largos bulevares onde antes, acanhadas ruelas, serpenteavam como num labirinto. Se Marx louvava a ruptura com as tradições, o poeta Baudelaire, embora não escondesse o seu entusiasmo com a modernidade, procurava dar conta das radicais transformações da cidade de Paris com as reformas de Haussman, a partir da melancolia do ‘flâneur’, que vê a cidade acelerar o seu ritmo, sem conseguir/querer acompanhá-lo. A transformação da cidade sempre repercutiu severamente na alma humana, pois é notório que quando começamos a estranhar o presente, basta com olhar para a cidade para constatar o quanto ela mudou. A literatura inglesa do século XIX, diante de uma Londres com todos os males da industrialização, não cessa de evocar a harmonia dos campos e manifestar o desejo de construir Jerusalém na terra inglesa, construir a cidade santa em oposição à cidade ímpia. Entre nós a transformação de nossas capitais – lembremos Levy Strauss da São Paulo que passa da infância à decadência sem experimentar a juventude – muitas vezes tem sido tão arrebatadora, que pouco resta para se contar a história. No Rio de Janeiro, Vinícius de Moraes, diante das mudanças pelas quais Ipanema passava nos anos 70, na música “Carta ao Tom, lamentava: “Ai que tempo feliz, ai que saudades, Ipanema era só felicidade...”. O cronista mineiro Paulo Mendes Campos, há longo tempo vivendo no Rio, contabilizando a perda de seus referenciais diria: “ Uma das nossas contradições fundamentais é a gente desejar viver na cidade grande e levar no inconsciente a intenção de criar em torno de nós a aldeia natal”. Em Belém, há poucos anos atrás, a Prefeitura reeditou o bonde tentando resgatar algo da cidade da Belle Époque. Nesta capital a evocação de sua idade de ouro se tornou estratégia fundamental na legitimação de importantes renovações urbanas. Na Bahia, exaltada por Caymi de “Ai que saudades que eu tenho da Bahia”, é certamente de Salvador que se tem saudades, quando já ele morava no urbanizado Rio de Janeiro. Caymi canta que se tivesse escutado o que a mãe dizia não teria caído nesse mundo “cheio de maldades e ilusão” que era o da capital da república. Saudades, portanto da sua Salvador tão familiar. Do outro lado do oceano, em Portugal, o poeta Cesário Verde, no século XIX, com o crescimento e as transformações de Lisboa, dedica sua poesia à nostalgia da antiga paisagem da capital que ia desaparecendo com a modernidade. Nesse sentido o que teríamos em comum, entre essas formas de narrativa da experiência urbana, seria a tentativa de elaboração dessas perdas a partir do que se convencionou chamar “saudade”. Sintomaticamente, no entanto, a Saudade, foi sempre entendida como algo da ordem da subjetividade e fazendo parte, exclusivamente, do mundo dos afetos, portanto, infensa à uma análise histórica e, fundamentalmente, próxima do mundo da ficção. Assim sendo, tal fenômeno pouco serviria à compreensão dos processos de transformação da cidade com seu cabedal de perdas materiais. E é exatamente ali aonde dói, é precisamente ali onde a paisagem é destruída e uma nova imagem e um outro imaginário se impõem à cidade, que nos sentimos despossuídos e o mundo parece perder o sentido, que as saudades clamam reclamando e cobrando perdas. E, no entanto, do que se trata aqui é retirar a Saudade dessa dicção e pensá-la como fenômeno histórico e social e, principalmente, como fenômeno assaz consistente para a compreensão dos impactos das transformações da cidade nos processos de subjetivação dos homens. Trata-se aqui, pois, de “objetivar” o que sempre foi pensado como “subjetivo”. A saudade parece ser um sentimento universal inerente a todos os humanos, mas na verdade ela se define histórica e culturalmente, à

medida mesmo que nós não temos saudades das mesmas coisas, que cada tempo manifesta as saudades de formas muito singulares e que nem todas as culturas valorizam este sentimento ou dão a ele o mesmo conteúdo e sentido. Assim sendo exercitamos arrancar a Saudades de seu chão para analisar suas raízes e dela dizer algo que a objetive como um “novo” discurso sobre a cidade. Sabemos que a palavra saudade só existe nas línguas galega e portuguesa, o que é bastante sintomático de uma forma de sentir e por consequência de ver e agir no mundo. A Saudade como discurso emerge em Portugal no século XV e se consolida no início do século XIX como um definidor da alma portuguesa e, por extensão, também da alma brasileira. Saudade como uma forma de ler o tempo, o espaço e suas histórias. Saudade como uma reação contra a mudança trazida pelo tempo e a tentativa de “resgatar”, seja uma certa sociabilidade, seja uma certa vivência. O saudosismo sendo uma relação de estranhamento e negação do presente e estando sempre ligado à construção de um futuro que reinstale as formas perdidas. Procuramos, assim, privilegiar algumas “regularidades” nos estudos sobre a Saudade, a saber: sua emergência em Portugal no século XV e sua consolidação no início do século XIX e seu importante papel na própria definição da nacionalidade portuguesa. Sua “disseminação” no Brasil no início do século XIX e XX, a partir das transformações urbanas das capitais. Privilegiaremos também a Saudade como sentimento, mas nem por isso como algo “natural” e a-histórico, mas sim como uma reação cultural, social e histórica às transformações experimentadas na cidade e na sociedade. Sob uma perspectiva multidisciplinar, a mesa proposta vai se debruçar sobre a temática “Saudades da cidade” através de dois planos de análise que se entrecruzam: (1) a reflexão sobre o mito do lugar instaurado pela saudade de um tempo perdido; (2) as saudades como uma maneira de criticar um presente que foi se tornando cada vez mais banal frente a outras experiências onde a cidade ainda era uma promessa de feliz-cidade.

Palavras-chave: Cidade, Representações, Saudades

SAUDADES DA CIDADE: EXPERIÊNCIA E DESEJO

Ana Fernandes

Resumo

Na zona de articulação de campos como a sociologia, a história ou a ciência política, entre outros, vem retomando corpo a problematização dos sentimentos coletivos enquanto recorte e perspectiva analítica que permite ampliar e enriquecer a compreensão dos vínculos e práticas societárias (BOUILLOU, 2003). Questões como amor (BOLTANSKI, 1990), sofrimento (BOLTANSKI, 1994), respeito (SENNET, 2003), ressentimento (BRESCIANI/NAXARA, 2004), humilhação (MARSON/NAXARA, 2005) são abordadas, tanto em perspectivas onde é privilegiada a longa e média temporalidade histórica, quanto na análise dos processos contemporâneos, tensionando relações e significados envolvidos na ação social e política. Trata-se aqui de buscar explorar o sentimento da saudade, tema já trabalhado por autores como DA MATTA (1993), que o aborda enquanto diálogo com momentos especiais do tempo, ressaltando, portanto, o caráter generoso e positivo da experiência. A presente proposição busca fazer confluir os temas da cidade e da saudade, entendendo a saudade, nessa ótica, como experiência e desejo. A saudade distancia-se, portanto, de visões nostálgicas de volta ao passado e revela-se como instância possível de tradução atualizada da experiência urbana e de proposição para os embates da construção atual da cidade e da urbanidade.

Palavras-chave: Saudades, Desejo, Experiência

ATUALIDADE, EMERGÊNCIA E CIRCULAÇÃO DO DISCURSO DA BELLE-ÉPOQUE EM BELÉM

Fernando Augusto Souza Pinho

Resumo

Período compreendido entre meados do século XIX e início do século XX, a belle époque é uma abstração, cujo termo foi cunhado posteriormente e sob um viés nostálgico. A história “bellepoquiana”, como postura historiográfica, preocupou-se com a modernização das cidades e com a euforia da sociedade burguesa em um período de importantes conquistas materiais, tecnológicas e comerciais. Portanto, falar em belle époque é falar em uma “tradição inventada”. Tomando-a como um objeto discursivo, a partir da compreensão de discurso como palavra em movimento, podemos pensar a belle époque como um dizer sobre o passado. Tal dizer se constitui e se estabelece segundo uma rede de sentidos que privilegia a versão áurea de uma época, fazendo funcionar mecanismos de seleção, repetição e silenciamento de dizeres. No caso específico da cidade de Belém, a belle époque é uma imagem atual. É um discurso que se atualiza e circula em diferentes materialidades. É um discurso que se atualiza e circula produzindo saudade – saudade de um pretense passado áureo (europeizado, rico e moderno) e que contrasta com uma determinada imagem do que seria a Belém nos dias de hoje. É nessa perspectiva que o trabalho aqui proposto visa analisar a especificidade do discurso sobre a belle époque na capital paraense, a saber: sua emergência, formulação, circulação e seus efeitos.

Palavras-chave: Belém, Bonde, Saudades

ACENDENDO O LUAR, CULTIVANDO AS RUAS: A SAUDADES DO CAMPO NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DE LISBOA NA POESIA DE CESÁRIO VERDE

Duroval Muniz de Albuquerque Júnior

Resumo

Cesário Verde, poeta português que viveu, e cedo morreu, entre 1855 e 1886, deixou uma obra poética marcada pelas transformações que a sociedade portuguesa vivenciava naquele fim de século, dentre elas, uma das mais importantes: o crescimento das cidades, notadamente de Lisboa, cidade em que nasceu e foi criado como filho de uma família burguesa, com um pai dedicado ao comércio, que também foi a atividade que abraçou para obter sua sobrevivência. No entanto, as experiências campestres que passou a vivenciar desde que seu pai adquiriu uma quinta nos arredores da cidade, chamada de Linda-a-Pastora, local onde teve que se isolar, algumas vezes, em busca de recuperação para sua frágil saúde, e onde, a partir de determinado momento, passou a praticar atividades de

produção agrícola visando a comercialização, parecem ter exercido importante papel na produção de sua sensibilidade poética, contribuindo decisivamente para modelar a forma como o poeta constrói a paisagem lisboeta em sua escrita. Nesta comunicação, portanto, tratarei de pensar como a saudade do campo, como a nostalgia de um dado rural, modela a leitura que Cesário Verde faz da cidade de Lisboa, como estes espaços, pensados e ditos como antagônicos e excludentes, se interpenetram através do sentimento saudoso, produzindo uma paisagem outra, uma paisagem de mediação.

Palavras-chave: Saudades, Campo, Cidade

"INÚTIL PAISAGEM": QUANDO A SAUDADES DA CIDADE DÓI

Robert Moses Pechman

Resumo

Pensar a questão da Saudade da cidade supõe sempre que um processo de transformação/destruição de uma certa paisagem urbana foi colocado em marcha. Não se trata aqui de paralisar o tempo e o espaço e deles exigir a imortalidade das cidades. As cidades são frágeis e mortais, mesmo quando não submetidas à invasão, à destruição e ao “progresso”. A dinâmica da vida social, o imaginário, as formas da arte, a tecnologia dos novos materiais, as necessidades de crescimento, etc., renovam incessantemente o rosto e o corpo urbanos. Minha questão é, portanto, com a imposição de paisagens onde o espírito das cidades não mais as habitam. Em outras palavras penso que o processo de transformação da cidade numa “máquina de viver”, ou seja, a objetivação da paisagem urbana numa paisagem útil, é uma escolha política e por isso mesmo, datada historicamente. Desde meados do século XIX o tema do desconforto urbano traz à tona um novo regime para o ambiente da cidade (especialmente para os pobres). É essa a primeira vez que a cidade é reduzida a dados puramente técnicos e a idéia das reformas urbanas se impõem. Com as reformas a densidade histórica da cidade é reduzida a dados geológicos e técnicos e entra em curto-circuito. A partir de então, de maneira incessante, notamos, em toda e qualquer experiência, a manifestação da saudade, não como nostalgia, mas como ácida crítica à destruição das paisagens e aos diferentes modos de vida.

Palavras-chave: Saudades, Cidade, Paisagem